

**ABORDAGEM DOS PRESSUPOSTOS E SUBENTENDIDOS NA PROVA DE LÍNGUA
PORTUGUESA DO ENEM-2019** <https://doi.org/10.63330/aurumpub.008-010>

Damarys Alves da Silva Barbosa
Mestrado em Estudos da Linguagem
UFPI
E-mail: profadamarys@gmail.com

Marcia Barbosa de Moura
Mestrado em Estudos da Linguagem
UFPI
E-mail: marciaportugues4@gmail.com

RESUMO

Este artigo visa à análise de questões de Língua Portuguesa do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), edição de 2019, a fim de reconhecer como as inferências, por meio de pressupostos e subentendidos, são exploradas no referido exame. Busca-se analisar de que maneira as inferências presentes nos enunciados das questões do gênero poema são empregadas na prova. A pesquisa é de natureza bibliográfica, caracteriza-se como descritiva e fundamenta-se, entre outros autores, em Koch (2011), Grice (1982), Ducrot (1987) e Marcuschi (2010). Os resultados apontam que as inferências têm papel importante na construção do texto no gênero poema, pois há informações que não precisam ser ditas ou explicitadas, porque se espera que o leitor saiba identificá-las por meio de seu conhecimento de mundo ou cognitivo. A prova requer que o aluno possua habilidades de leitura, visto que os enunciados são apresentados sempre de maneira contextualizada. Ressalta-se que, para a compreensão das questões do gênero em questão, os discentes devem compreender os processos inferenciais que regem as habilidades de leitura nos poemas.

Palavras-chave: Inferências; Língua Portuguesa; ENEM.



1 INTRODUÇÃO

O Exame Nacional do Ensino Médio (doravante, ENEM) é uma forma de avaliar o desempenho escolar das séries finais da Educação Básica. O exame é realizado anualmente pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), autarquia federal vinculada ao Ministério da Educação (MEC). Com a nota obtida nesse exame, é possível ingressar em instituições de ensino superior por meio de programas como o Sistema de Seleção Unificada (SiSU), o Programa Universidade para Todos (ProUni) e o Fundo de Financiamento Estudantil (Fies). Além disso, os resultados funcionam como importantes indicadores educacionais.

Este artigo tem como objetivo analisar questões de Língua Portuguesa do ENEM 2019, com o intuito de reconhecer sob quais perspectivas pragmáticas os pressupostos e os subentendidos são explorados no referido exame. Questiona-se, portanto, de que modo o ENEM insere pressupostos e subentendidos nos enunciados das questões que envolvem o gênero poema, com o propósito de avaliar a compreensão dos candidatos na prova de Língua Portuguesa.

O trabalho está pautado na Pragmática, ramo da Linguística que surgiu com a preocupação de compreender a interação da língua em seu uso, ou, mais precisamente, a ciência que se dedica a investigar a linguagem para além do que está literal e explicitamente expresso nos enunciados (DUCROT, 1987).

A Pragmática ocupa papel fundamental entre as correntes linguísticas para a compreensão das regras conversacionais propostas por Paul Grice (1982), ao refletir sobre como os falantes conseguem dizer mais do que aquilo que expressam literalmente. Para que essa interação ocorra de forma eficiente, o usuário da linguagem deve seguir determinadas regras de uso.

Neste trabalho, serão analisados dois tipos de implícitos pragmáticos — pressupostos e subentendidos — nos enunciados do ENEM 2019, especificamente em questões que envolvem o gênero poema. Os pressupostos, de acordo com Ducrot (1987, 1988), constituem uma forma de construção discursiva que se vale de estratégias narrativas para persuadir o interlocutor sobre um conteúdo não explicitamente enunciado, utilizando-se, para isso, de recursos de polifonia. Assim, o enunciado apresenta não apenas um sentido literal, mas também um sentido implícito. Os subentendidos, por sua vez, correspondem a inferências pragmáticas, configurando-se como atos de fala indiretos.

A pesquisa é de natureza bibliográfica e, quanto à abordagem, caracteriza-se como descritiva. A fundamentação teórica baseia-se em Grice (1982), Ducrot (1987), Koch e Elias (2011), entre outros. São realizadas análises das questões que envolvem o gênero poema, de forma a promover uma reflexão acerca dos aspectos pragmáticos — pressupostos e subentendidos — presentes nesses textos no ENEM 2019.

A relevância desta pesquisa reside na sua contribuição para os estudos sobre inferências na Língua Portuguesa, podendo ampliar o conhecimento sobre os mecanismos pragmáticos utilizados na linguagem. Ademais, considerando que os candidatos ao ENEM devem estar devidamente preparados para a



compreensão de questões contextualizadas, é fundamental que compreendam como o exame mobiliza pressupostos e subentendidos nos seus enunciados.

2 LEITURA E PRAGMÁTICA NO TEXTO

Sabe-se que o ensino no Brasil carece de melhorias, sobretudo no que diz respeito ao acesso à educação. De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) de 2018, o índice de analfabetismo das pessoas com 15 anos ou mais foi estimado em 6,8% (11 milhões de analfabetos). Em 2019, esse índice foi de 6,5%, representando uma redução de apenas 0,2 pontos percentuais no número de analfabetos do país, o que corresponde a pouco mais de 200 mil pessoas analfabetas em 2019. Nota-se, portanto, que o número de pessoas “não alfabetizadas” diminuiu, mas ainda há um longo caminho para que a educação escolar seja um direito de todos os cidadãos.

Santos e Mendonça (2007), ao discorrerem sobre alfabetização e letramento, ressaltam que o estudo do sistema linguístico continua a ser importante para a progressão da leitura.

Sabemos que, para a formação de leitores e escritores competentes, é importante a interação com diferentes gêneros textuais, com base em contextos diversificados de comunicação. Cabe à escola oportunizar essa interação, criando atividades em que os alunos sejam solicitados a ler e produzir diferentes textos. Por outro lado, é imprescindível que os alunos desenvolvam autonomia para ler e escrever seus próprios textos. Assim, a escola deve garantir, desde cedo, que as crianças se apropriem do sistema de escrita alfabético, e essa apropriação não se dá, pelo menos para a maioria das pessoas, espontaneamente, valendo-se do contato com textos diversos. É preciso o desenvolvimento de um trabalho sistemático de reflexão sobre as características do nosso sistema de escrita alfabético. (SANTOS; MENDONÇA, 2007, p. 19).

A leitura é uma atividade complexa que merece atenção. Para tornar-se leitor, é necessário que as pessoas dominem o sistema de escrita alfabético e, além disso, desenvolvam o sistema linguístico de forma reflexiva. Contudo, é importante que sejam apresentadas leituras para exercitar tal atividade, que, como se sabe, nem sempre acontece espontaneamente.

Para efetivar a leitura do texto, são necessárias habilidades específicas, como explicam Koch e Elias (2006, p. 11):

[...] uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza evidentemente com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo.

A leitura não é uma atividade simples e, por isso, não é praticada eficientemente por muitos brasileiros. É importante alertar que o estudo do sistema linguístico, bem como seus desdobramentos de forma reflexiva, auxilia os leitores a compreenderem e a saberem utilizar as estratégias linguísticas a seu favor. Dessa forma, é fundamental conhecer os estudos sobre a língua.



De acordo com Marcondes (2005), esses estudos consistem em ir além do conhecimento dos significados das palavras, da estrutura sintática e do valor de verdade das sentenças. Nessa direção, a Pragmática abrange além do explicitamente dito e preocupa-se em tornar possível a análise da linguagem por meio dos atos de fala. Conforme Austin (1962), os atos de fala são unidades elementares na constituição do uso e da compreensão da linguagem. Dessa forma, os estudos pragmáticos são necessários para auxiliar na compreensão dos diferentes enunciados.

Dascal (1982) sugere dois contextos para o nascimento da Pragmática. O primeiro é que o termo “pragmática” está estreitamente ligado à vertente linguística da “semiótica” ou “semiologia”, uma ciência que tomou forma com os estudos de Saussure (1916) e Charles Peirce (1931–1958). A segunda origem, pontuada por Dascal, refere-se ao fato de que Saussure, ao reconhecer a *langue* como objeto de estudo da linguística, permitiu que a *parole* fosse estudada por outras ciências, como a Pragmática, que tem o objetivo de investigar a língua em uso por seus interlocutores. É assim que Peirce institui o usuário como interlocutor.

Nessa vertente, a Pragmática é considerada uma etapa de análise da linguística, que tem como objeto a relação do signo envolvendo o signo, o que o signo representa e para quem ele representa. Com o passar dos anos, a Pragmática continua sendo estudada e suas teorias vêm sendo aplicadas à compreensão dos usos da linguagem que, no início dos estudos linguísticos, desde Saussure e seus antecessores, foram deixados de lado.

Os estudos pragmáticos perpassam importantes meios de compreensão da língua, visto que a Pragmática propõe analisar, linguisticamente, enunciados que podem comunicar mais do que o dito literalmente, conforme declara o pesquisador Paul Grice (1982 [1967]), ao questionar como os enunciados conseguem informar mais do que o sentido literal.

Conforme Grice (1982 [1967]), para que os enunciados possam comunicar mais do que o sentido literal, existem regras que o falante deve obedecer, para que o ouvinte seja capaz de compreender as informações adicionais que a interação apresenta. A partir desse pensamento, surge nos estudos pragmáticos o “princípio da cooperação”, elaborado por Grice, que estabeleceu quatro categorias com máximas e submáximas, que são as seguintes:

- categoria da quantidade, relacionada com a quantidade de informações;
- categoria da qualidade, relacionada com informações verdadeiras;
- categoria da relação, que deve ser relevante;
- categoria do modo, que deve ser claro;

Todas essas devem ocorrer para uma interação eficaz e bem-sucedida. Segundo o autor, a quebra de alguma máxima gera implicaturas conversacionais, que são determinados implícitos pragmáticos.



Quanto aos implícitos, Ducrot (1987) estabelece dois tipos de implícitos linguísticos: pressupostos e subentendidos. Este trabalho propõe a análise desses dois implícitos pragmáticos nos enunciados do ENEM-2019, nas questões que envolvem o gênero poema.

3 A COMPREENSÃO DAS INFERÊNCIAS: PRESSUPOSTO E SUBENTENDIDOS NO GÊNERO POEMA

No poema, as palavras são empregadas de forma denotativa e adaptam-se às necessidades do ritmo, porém adquirem significados diversos conforme o tratamento que o poeta lhes dá (CÂNDIDO, 1996).

Assim, compreender e interpretar exige do indivíduo certas competências e habilidades com a estrutura da língua em funcionamento no meio social, como, por exemplo, compreender como estão organizadas as condições de produção (BNCC, 2017). Surge, desse modo, a necessidade de ensinar e aprender a interpretação sistemática:

Requisitos: não se prender exclusivamente a forma nem ao conteúdo, não utilizar padrões alheios ao poema. Não falar de si mesmo, mas da obra, isto é, não emprestar a ela os sentimentos e ideias pessoais que brotam por sua sugestão; mas procurar extrair os que estão contidos nela (p. 18). Regras: "(...) aprender a ler, saber ouvir, prestar atenção a todas as particularidades (CÂNDIDO, p. 18, 1996).

Logo, a interpretação requer que o leitor penetre no texto, compreendendo a linguagem adequada à matéria, à estrutura íntima, às normas estruturais peculiares, ou seja, reconhecendo o gênero textual e toda a sua formação.

No entanto, a análise comporta praticamente um aspecto de comentário puro e simples, que é o levantamento de dados exteriores à emoção poética, sobretudo dados históricos e sociais, ou seja, o conhecimento de mundo. Além disso, comporta um aspecto mais próximo à interpretação, que é a análise propriamente dita, o levantamento analítico de elementos internos do poema, principalmente os ligados à sua construção fônica e semântica, e que têm como resultado uma decomposição do poema em elementos, chegando ao pormenor das últimas minúcias (CÂNDIDO, 1996).

Como procedimento sugestivo de leitura do gênero poema, Marcuschi apresenta algumas medidas no tocante ao estudo compreensivo do texto:

A primeira diz respeito à identificação das ideias centrais do texto, bem como das possíveis intenções do autor. A seguir, surgem as perguntas e afirmações inferenciais, no que o autor propõe que seja feito um conjunto de perguntas, o qual, para ser respondido, exige que o aluno infira com informações que se encontram no ou fora do texto. Sugere ainda um tratamento especial ao texto a partir do título, uma vez que ele ajuda o leitor a fazer uma série de suposições sobre o assunto tratado no texto em estudo, pois o trabalho com títulos de texto “é uma boa forma de perceber como se constrói um universo contextual e ideológico para os textos mesmo antes de lê-los (MARCUSHI, 2001, p. 57).



Desse modo, entende-se que a análise interpretativa de um poema precisa do uso de estratégias de leitura e da aplicação de conhecimentos extralinguísticos. Segundo Marcuschi (2010, p. 157), “a compreensão de um texto não pode ser separada do reconhecimento do gênero a que pertence”.

De acordo com Marcuschi:

A variedade dos gêneros deve ser explorada na escola não apenas como um conteúdo a ser ensinado, mas como um meio de desenvolver a capacidade dos alunos de lidarem com diferentes formas de uso da linguagem, promovendo uma leitura crítica e situada dos textos (MARCUSHI, 2010, p. 158).

Além da compreensão dos gêneros, para que ocorra a interação entre esses elementos, faz-se necessária a compreensão das inferências presentes dentro do poema.

Koch (2007, p. 30) advoga que:

[...] um texto se constitui enquanto tal no momento em que os parceiros de uma atividade comunicativa global, diante de uma manifestação linguística, pela atuação conjunta de uma complexa rede de fatores de ordem situacional, cognitiva, sociocultural e interacional são capazes de construir, para ela, determinado sentido.

Partindo dessa concepção de texto, o sentido não está no texto, mas é construído a partir dele, no curso de uma interação. Nesse contexto, os leitores são vistos como agentes ativos.

O pressuposto pode ser definido como as informações inferenciais da enunciação de uma sentença (MOURA, 1999, p. 13). O subentendido é outro aspecto importante no processo de construção de sentidos do texto, pois, quando uma informação não é dita, mas tudo o que é dito nos leva a identificá-la, estamos diante de algo subentendido ou inferível. Assim, para captar os implícitos, o leitor precisa inferir.

Existem elementos linguísticos que acionam os pressupostos, tais como verbos factivos, expressões temporais, sentenças clivadas, entre outros (MOURA, 1999). Todos eles marcam o pressuposto na sentença.

O subentendido difere do pressuposto em um aspecto importante: o pressuposto é um dado posto como indiscutível para o falante e para o ouvinte, não sendo para ser contestado; o subentendido é de responsabilidade do ouvinte, pois o falante, ao deixar a informação implícita, pode esconder-se por trás do sentido literal ou polissêmico das palavras, ou ainda do contexto circunstancial, e pode alegar que não estava querendo afirmar o que o ouvinte depreendeu (DUCROT, 1987).

Dessa forma, na leitura e interpretação de um texto, é importante detectar os pressupostos e os subentendidos, pois se constituem como recursos argumentativos utilizados com vistas a levar o ouvinte ou leitor a aceitar o que está sendo comunicado.



4 PRESSUPOSTOS E SUBTENDIDOS EM QUESTÕES DO GÊNERO POEMA NA PROVA DO ENEM-2019

O ENEM é realizado pelo INEP desde 1998. Ao longo dos anos, o exame passou por algumas modificações, tais como a atualização dos parâmetros de correção, a exemplo dos critérios de avaliação das redações.

A prova requer que o candidato tenha habilidades de leitura; portanto, o processamento estratégico depende não só de características textuais, mas também de características dos usuários da língua, tais como seus objetivos, convicções e conhecimento de mundo (KOCH, 2005). Assim, os enunciados são apresentados sempre de maneira contextualizada. Ressalta-se que, para a compreensão das questões do gênero poema, os candidatos devem compreender os processos inferenciais que regem as habilidades de leitura desse gênero.

Vejamos a imagem a seguir:

Questão 14

A viagem

Que coisas devo levar
nesta viagem em que partes?
As cartas de navegação só servem
a quem fica.
Com que mapas desvendar
um continente
que falta?
Estrangeira do teu corpo
tão comum
quantas línguas aprender
para calar-me?
Também quem fica
procura
um oriente.
Também
a quem fica
cabe uma paisagem nova
e a travessia insone do desconhecido
e a alegria difícil da descoberta.
O que levas do que fica,
o que, do que levas, retiro?

MARQUES, A. M. In: SANT'ANNA, A. (Org.). *Rua Aribau*.
Porto Alegre: Tag, 2018.

A viagem e a ausência remetem a um repertório poético tradicional. No poema, a voz lírica dialoga com essa tradição, repercutindo a

- ☐ A saudade como experiência de apatia.
- ☐ B presença da fragmentação da identidade.
- ☐ C negação do desejo como expressão de culpa.
- ☐ D persistência da memória na valorização do passado.
- ☐ E revelação de rumos projetada pela vivência da solidão.

Fonte: file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/ENEM%202019%20PROVA.pdf

No enunciado da questão, o verbo “remetem” ativa o pressuposto de que a viagem e a ausência já foram postas em evidência, e, de fato, isso já ocorreu dentro do texto do poema. Ainda no enunciado, o

adjetivo “tradicional” leva a inferir uma estrutura conhecida pelo candidato, já que o verbo “dialogar” ativa o pressuposto de que o eu lírico pertence ao estilo tradicional do poema.

No 1º e 2º versos do poema, temos ativadores de pressupostos, tais como: o verbo “levar” e a locução adverbial “em quais partes”. Percebe-se a relação com o enunciado da questão, pois estabelecem inferências com as palavras “viagem” e “ausência”, presentes no enunciado. Em relação ao verbo, pode-se pressupor que levará objetos, conhecimentos ou sentimentos. Referente à locução adverbial, pode-se inferir que será dentro do pensamento do viajante, no transporte. Assim, na sentença do questionamento, existem elementos que estimulam o leitor a fazer inferência do pressuposto (MOURA, 1999, p. 13).

É a partir das inferências que o candidato faz no enunciado que se consegue chegar às respostas adequadas. Como pressuposto, ainda se evidencia que o título do poema já explicita a ideia de exploração e tem, como pressuposto, uma viagem de passeio, emocional ou espiritual; mas, ao continuar a leitura das alternativas do enunciado, entende-se que a ruptura amorosa traz a solidão para o eu lírico. Por conseguinte, o estado de abandono e solidão do eu lírico o faz buscar novos rumos: línguas para aprender, a procura por um oriente ou por novas paisagens, travessias e descobertas. Essa compreensão tem como alternativa correta a letra E. Então, chega-se à resposta quando o candidato faz as inferências dos pressupostos e subentendidos.

Com as inferências, fica nítido que o participante do ENEM precisa compreender a funcionalidade das expressões dentro do poema, mas, além disso, para facilitar o entendimento, faz-se necessário buscar a relação das expressões com as informações que estão fora do texto, ou seja, os subentendidos. Nessa questão, o enunciado “No poema, a voz lírica dialoga com essa tradição” (ENEM, 2019) leva o candidato a recorrer ao contexto extralinguístico, porque precisa saber a qual tradição o enunciado se refere. Desse modo, é preciso estar atento à autoria do poema, ao estilo de escrita, pois tudo isso facilita a compreensão do subentendido (CÂNDIDO, 1996). Porém o conteúdo subentendido para Ducrot (1987) não está marcado na frase, e se explica no processo interpretativo.

Então, subentende-se que esse poema faz uma inter-relação com a literatura portuguesa clássica de aventura, navegação, saudades e desconhecido, o que é uma forma poética de conceber o papel histórico que os portugueses tiveram no contexto das Grandes Navegações, que modificaram o papel histórico daquele Estado e difundiram a cultura (e a língua) portuguesa, ou seja, a “tradição” retoma a esse recorte histórico da literatura. É uma viagem de exploração, de modo que o destino ainda está por ser descoberto e analisado. A autora do poema concentra-se naquilo que conhece completamente bem a sua subjetividade e a partir dela se guia pelo mundo.

Observemos a seguinte questão:

Questão 22

Uma ouriça

Se o de longe esboça lhe chegar perto,
se fecha (convexo integral de esfera),
se eriça (bélica e multiespinhenta):
e, esfera e espinho, se ouriça à espera.
Mas não passiva (como ouriço na loca);
nem só defensiva (como se eriça o gato);
sim agressiva (como jamais o ouriço),
do agressivo capaz de bote, de salto
(não do salto para trás, como o gato):
daquele capaz de salto para o assalto.

Se o de longe lhe chega em (de longe),
de esfera aos espinhos, ela se desouriça.
Reconverte: o metal hermético e armado
na carne de antes (côncava e propícia),
e as molas felinas (para o assalto),
nas molas em espiral (para o abraço).

MELO NETO, J. C. *A educação pela pedra*. Rio de Janeiro:
Nova Fronteira, 1997.

Com apuro formal, o poema tece um conjunto semântico
que metaforiza a atitude feminina de

- ☐ A tenacidade transformada em brandura.
- ☐ B obstinação traduzida em isolamento.
- ☐ C inércia provocada pelo desejo platônico.
- ☐ D irreverência cultivada de forma cautelosa.
- ☐ E desconfiança consumada pela intolerância.

Fonte: file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/ENEM%202019%20PROVA.pdf

Nesse enunciado da questão, a expressão “formal” estabelece o pressuposto de que existem poemas com outras estruturas e não tecem um conjunto semântico, que metaforiza a atitude feminina.

No que diz respeito ao subentendido no enunciado, o candidato precisa compreender o que é “metaforizar a atitude feminina” e, para isso, ele tem que compreender o contexto da produção do enunciado, bem como o sentido de “metaforiza”. Para isso, necessita ativar o conhecimento linguístico e de mundo.

Acredita-se que o candidato, ao se deparar com esta questão, perceberá, pela estrutura do texto, que se trata de um poema de João Cabral de Melo Neto. O autor utiliza, no poema, o encadeamento de elementos linguísticos. A esse respeito, como pontua Ducrot (1987, p. 37)

Se uma frase pressupõe X, e um enunciado dessa frase é utilizado em um encadeamento discursivo, por exemplo, quando se argumenta a partir dele, encadeia-se como o que é posto e não com o que é pressuposto.

Esse critério de encadeamento é utilizado para testar os pressupostos de frases que necessitam do contexto para determiná-las. É, assim, uma forma dar seguimento ao discurso.

Logo no título do poema, percebe-se que o autor utiliza um vocábulo que não existe como substantivo feminino: “ouriça”, que se aproxima do que conhecemos por “ouriço”, um animal. Assim, inferimos a analogia utilizada pelo poeta.

Nos primeiros versos, o candidato terá que recorrer ao seu conhecimento de mundo para compreender o que está pressuposto e o que está subentendido, pois, como explica Moura (1999, p. 30), “a determinação do pressuposto depende do contexto”, ou seja, é necessário que sejam acionados os conhecimentos de mundo para relacionar os versos ao contexto. No primeiro verso, “Se o de longe”, o leitor pode subentender “o de longe” como alguém desconhecido e pressupor que alguém está longe. No verso seguinte, encadeado com o primeiro, “esboça lhe chegar perto”, o pressuposto linguístico é ativado pelo verbo transitivo direto “esboçar”, que tem sentido de planejar.

Destaca-se a conjunção condicional “se”, que introduz uma condição necessária para que se realize ou deixe de realizar um fato, que terá como resultado o expresso nos versos seguintes do poema. Assim, pressupõe-se que, caso alguém de longe planeje chegar perto, isso tem uma consequência, que é apresentada nos versos três e quatro, com a atitude “da ouriça”.

Os versos “se fecha (convexo integral de esfera)” e “se eriça (bélica e multiespinhenta)” estão encadeados a partir de um pressuposto. Assim, detêm-se com o que é posto, conforme o que postula Ducrot (1987). “Fechar” é verbo transitivo que pode ser interpretado com o sentido no verso de se esconder, e, “eriça”, também verbo transitivo, tem sentido de tornar-se ríspido. Entende-se, desse modo, que “a ouriça” reaja com a chegada de um desconhecido, fechando-se, de maneira ríspida. Nos versos seguintes, segue o encadeamento de ideias, apontando a atitude “da ouriça”.

No sexto e sétimo versos, “mas não passiva (como ouriço na loca) nem só defensiva (como se eriça o gato)”, o pressuposto é ativado pela negação “não” e “nem”, pressupondo a atitude feminina não passiva e não defensiva, o que expressa, no oitavo verso, a afirmação “sim agressiva (como jamais o ouriço)”, e voltando a ativação do pressuposto com a explicação, entre parênteses, acerca do ouriço, usando o advérbio “jamais”. Pressupõe-se, assim, que o ouriço não é tão agressivo quanto a ouriça.

É importante ressaltar que o termo “ouriça” não existe no léxico da Língua Portuguesa, mas está sendo usado, analogicamente, para a animalização do ser humano, neste caso, a mulher, já que a figura feminina é, de maneira inferencial, entendida como a “ouriça”, assim como suas descrições.

Após a leitura do poema, o candidato deve responder à questão. A prova realiza uma confirmação sobre a composição metafórica do poema, em que percebemos tais metáforas ao descrever a figura feminina. É evidente a complexidade do enunciado, que requer dos participantes habilidades para compreender o código linguístico e associar o enunciado aos aspectos subjetivos do poema. Dessa forma, a primeira alternativa é a correta.

O enunciado trabalha com pressuposições acerca do poema. Logo, o candidato deve saber identificar esses pressupostos para responder à questão. O subentendido está presente no poema, mas não aparece no enunciado, pois este pressupõe que o candidato entenda as metáforas utilizadas, que só podem ser perfeitamente compreendidas se o candidato souber relacionar o que está subentendido.



Vejamos a próxima questão:

Questão 39

Essa lua enlutada, esse desassossego
A convulsão de dentro, ilharga
Dentro da solidão, corpo morrendo
Tudo isso te devo. E eram tão vastas
As coisas planejadas, navios,
Muralhas de marfim, palavras largas
Consentimento sempre. E seria dezembro.
Um cavalo de jade sob as águas
Dupla transparência, fio suspenso
Todas essas coisas na ponta dos teus dedos
E tudo se desfez no pórtico do tempo
Em lívido silêncio. Umas manhãs de vidro
Vento, a alma esvaziada, um sol que não vejo
Também isso te devo.

HILST, H. *Júbilo, memória, noviciado da paixão*.
São Paulo: Cia. das Letras, 2018.

No poema, o eu lírico faz um inventário de estados
passados espelhados no presente. Nesse processo,
afiora o

- ☐ A cuidado em apagar da memória os restos do amor.
- ☐ B amadurecimento revestido de ironia e desapego.
- ☐ C mosaico de alegrias formado seletivamente.
- ☐ D desejo reprimido convertido em delírio.
- ☐ E arrependimento dos erros cometidos.

Fonte: file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/ENEM%202019%20PROVA.pdf

No enunciado dessa questão, é preciso estar atento à relação da sentença com o texto do poema, tendo em vista que o verbo “faz” marca o pressuposto de ação habitual. Ao analisar o poema, a expressão “isso te devo” reveste-se de um sentido potencialmente irônico, pois o eu lírico indica, por meio dela, sentimentos negativos (expressos pelo desassossego, alma esvaziada etc.) causados por esse interlocutor. Nota-se, também, o amadurecimento do eu lírico em função dessas experiências vividas e um desapego em relação a essa figura com quem teve vínculo emocional.

A partir disso, a letra correta é a B. Para o leitor chegar a essa compreensão, as expressões “desassossego”, no 1º verso, e, no 3º verso, “solidão e morrendo”, ativaram pressupostos de tristeza e ausência. Assim, verbos e adjetivos consolidam os marcadores de pressuposição no enunciado (MOURA, 1999).

Todavia, na análise desse enunciado, não foi possível encontrar subentendido, uma vez que a compreensão se pautou no texto do poema e na própria sentença.

Vejamos, a seguir, outra questão:

Questão 45

Irerê, meu passarinho do sertão do Cariri,
 Irerê, meu companheiro,
 Cadê viola? Cadê meu bem? Cadê Maria?
 Ai triste sorte a do violeiro cantadô!
 Ah! Sem a viola em que cantava o seu amô,
 Ah! Seu assobio é tua flauta de irerê:
 Que tua flauta do sertão quando assobia,
 Ah! A gente sofre sem querê!
 Ah! Teu canto chega lá no fundo do sertão,
 Ah! Como uma brisa amolecendo o coração,
 Ah! Ah!
 Irerê, solta teu canto!
 Canta mais! Canta mais!
 Prá alembra o Cariri!

VILLA-LOBOS, H. *Bachianas Brasileiras n. 5* para soprano e oito violoncelos (1938-1945). Disponível em: <http://euterpe.blog.br>. Acesso em: 23 abr. 2019.

Nesses versos, há uma exaltação ao sertão do Cariri em uma ambientação linguisticamente apoiada no(a)

- ☐ A uso recorrente de pronomes.
- ☐ B variedade popular da língua portuguesa.
- ☐ C referência ao conjunto da fauna nordestina.
- ☐ D exploração de instrumentos musicais eruditos.
- ☐ E predomínio de regionalismos lexicais nordestinos.

Fonte: file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/ENEM%202019%20PROVA.pdf

No enunciado da questão 45, é exposta a temática do poema, que é a “exaltação do sertão do Cariri”. Isso é perceptível desde o primeiro verso, “Irerê, meu passarinho do sertão do Cariri”, em que há o pressuposto de que “irerê” se trata de um passarinho do sertão do Cariri; pressupondo-se, também, que o eu lírico é dono de “irerê”.

Essas informações interpretativas sobre a exaltação do sertão do Cariri não são o foco do enunciado da questão, sendo solicitados os conhecimentos sobre as variedades linguísticas.

Subentende-se que o candidato terá que utilizar conhecimentos sobre as variações linguísticas da língua portuguesa, verificando a “ambientação linguística” falada no enunciado da questão.

Esse poema possui marcas presentes na linguagem oral, como no quarto verso “ai triste sorte a do violeiro cantadô!”, em que se utiliza a palavra “cantadô” com o apagamento da letra “r”, muito comum na linguagem oral. Esse fenômeno é denominado por Mattoso (2008) como apócope, quando há a supressão de um fonema ou sílabas no final da palavra.

A apócope é recorrente em outros versos como “Ah! Sem a viola em que cantava o seu amô” e também “ah! A gente sofre sem querê!”, sendo essa uma importante percepção para a compreensão da questão.

Outro fenômeno comum na oralidade da língua portuguesa é o acréscimo de fonema no início da palavra, a “prótese”, como se pode ver no último verso do poema “prá alembra o Cariri!”. Em “alembra”,



ocorre a prótese pelo acréscimo da vogal “a” antes da palavra “lembrar”, que também perdeu a letra “r” (apócope).

O candidato faz uso dos pressupostos e subentendidos a partir de seus conhecimentos linguísticos que a única alternativa correta seja a letra B, pois se conecta perfeitamente à “ambientação linguística” apoiada nas variações da Língua Portuguesa.

Alerta-se que é necessário acionar o conhecimento acerca do gênero poema e, além disso, os conhecimentos de mundo, para a compreensão do poema e, assim, da questão.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da discussão dos pressupostos e subentendidos e da análise das questões, compreende-se que, para uma compreensão suficientemente correlacionada com o objetivo da prova do ENEM, os candidatos devem possuir conhecimento linguístico a fim de identificarem as expressões que marcam os pressupostos, assim como conhecimento extralinguístico para que possam entender o real sentido do enunciado.

A realidade da maioria das escolas e dos preparatórios do ENEM dá enfoque aos conhecimentos linguísticos; no entanto, pode-se identificar, nas análises feitas neste trabalho, que somente esse tipo de conhecimento não é satisfatório para preparar os alunos/candidatos para a prova.

A partir das quatro questões analisadas, foi possível identificar o pressuposto nos enunciados. Destaca-se que, para a compreensão total da questão, o candidato necessita retomar a leitura do poema, identificando nele os marcadores de pressupostos que têm relação com o questionamento.

O subentendido fez-se presente em três dos quatro enunciados analisados, deixando de aparecer em apenas um deles. Entretanto, ainda assim, é necessário para a compreensão da questão, pois o subentendido não apareceu no enunciado, mas foi importante em sua ocorrência no poema para a resolução da questão.



REFERÊNCIAS

- AUSTIN, J. L. How to do things with words. Oxford: Oxford University Press, 1962.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, DF: MEC, 2017. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 04 de agosto de 2025.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. Estrutura da língua portuguesa. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- CÂNDIDO, Antônio. O estudo analítico do poema. São Paulo: Humanitas Publicações / FFLCH/USP, 1996.
- DASCAL, M. Fundamentos metodológicos da linguística – vol. IV: pragmática. Campinas: [s.n.], 1982.
- DUCROT, Oswald. O dizer e o dito. Campinas: Pontes, 1987.
- ANSCOMBRE, J.-C.; DUCROT, O. L'argumentation dans la langue. Liège / Bruxelas: Pierre Mardaga, 1988.
- GRICE, H. P. Lógica e conversação. In: DASCAL, M. Fundamentos metodológicos da linguística – vol. IV: pragmática. Campinas: [s.n.], 1982.
- KOCH, Ingedore G. V. Construção dos sentidos no discurso: uma abordagem sociocognitiva. Revista Investigações, v. 18, n. 2, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/issue/view/84>. Acesso em: 04 de agosto de 2025.
- KOCH, Ingedore G. V. O texto e a construção dos sentidos. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2007.
- KOCH, Ingedore G. L.; ELIAS, V. M. Ler e compreender: os sentidos do texto. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- KOCH, Ingedore G. V.; ELIAS, V. M. Ler e compreender: os sentidos do texto. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- MARCONDES, Danilo. Filosofia da linguagem. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: múltiplas perspectivas. São Paulo: Parábola Editorial, 2001.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). Gêneros textuais e ensino. 5. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2010. p. 155–176.
- MOURA, Maria Célia. Pressuposição e sentido. São Paulo: Contexto, 1999.
- SANTOS, C. F.; MENDONÇA, M. Alfabetização e letramento: conceitos e relações. 1. ed., 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.